

A HERMENÊUTICA E SUA APLICABILIDADE EM TEXTOS DAS SAGRADAS ESCRITURAS

Rogério Cristiano Franzini

Mestrando em Intervenção Psicológica no Desenvolvimento e na Educação pela Universidad Europea del Atlántico (Espanha), Especialista em Problemas Fenomenológicos e Hermenêutica, Sagrada Escritura e Ensino Religioso.

Resumo

Este artigo discorre e reflete, na ótica da complementaridade, sobre a importância dos estudos histórico-críticos aplicados em escrituras antigas, salientando sua importância e limitações pois, por vezes, imperam as especulações e fazem-se ausentes tanto a facticidade quanto a concretude do contexto específico tratado. A Hermenêutica, neste sentido, além de buscar uma interpretação adequada, visa a elucidar o verdadeiro significado e sentido de determinados símbolos e códigos contidos nas mais variadas culturas de outrora e hodiernas, o que pode favorecer a pesquisa de maneira a complementar e evidenciar particularidades étnicas, culturais, teológicas e afins. Todo o exposto versará sobre os estudos chamados diacrônicos, que mesmo limitados em certos momentos, oferecem uma gama de informações não só interessantes como importantes e imprescindíveis em determinados casos. Expor-se-á, também, a perspectiva dos estudos sincrônicos, para clarificar a proposta de uma leitura de complementaridade das metodologias e, neste último caso, sobre as questões literárias simultâneas em tais estudos.

Palavras-chave: História. Hermenêutica. Literatura. Sagradas Escrituras.

Abstract

This article discusses and reflects from the point of view of complementarity the importance of historical-critical studies applied in ancient writings, stressing their importance and limitations, since speculation sometimes prevails and both facticity and concreteness of the specific context treated are absent. Hermeneutics in this sense, in addition to seeking an adequate interpretation, seeks to elucidate the true meaning and meaning of certain symbols and codes contained in the context of the most varied cultures of yesteryear and also today, which may favor research in a way that complements and highlights particularities ethnic, cultural, theological and related. All of the above is about the so-called diachronic studies, which, although limited in certain studies, offer a range of information that is not only interesting but important and essential in certain cases. However, the perspective of synchronic studies will be explored in order to clarify the proposal for a complementary reading of the methodologies, and in the latter case, on the literary questions in such studies.

Keywords: History. Hermeneutics. Literature. Holy Scriptures.

Introdução

Fique claro, de imediato, que a opção do autor em discorrer neste artigo com o termo Sagrada Escritura, referindo-se aos escritos contidos na Bíblia,¹ se faz necessário por serem de fato escritos humanos desenvolvidos em determinados tempos e espaços históricos definidos, mesmo que em determinados casos não haja consenso. Nestes termos, podem ou não serem considerados sagrados, caso sua análise ou pesquisa seja de linha acadêmico-científica, deixando a parte o outro termo comum que a designa Palavra de Deus, mais adequado em estudos que versam sobre as mesmas como dado revelado por Deus à humanidade. Essas questões podem e devem estar na pauta de outros ramos da teologia, ou em sua leitura de cunho religioso, o que não vem ao caso neste momento.

Tal esclarecimento evita também os fundamentalismos e anacronismos irresponsáveis, ao interpretar tais escritos, algo assistido com intensidade, neste início de século XXI, nos crescentes fenômenos religiosos que desafiam as ciências sociais contemporâneas. Em tempos de mudanças e dificuldades, como este que atravessa a humanidade em que as utopias se transformaram em verdadeiras distopias, crises e conflitos ideológicos, armados ou não, presentes em todos os continentes, faz-se necessária uma revisitação hermenêutica, aos fenômenos religiosos que outrora, sustentaram de alguma maneira, a esperança de se habitar em um mundo melhor.

Houve período recente, em que se pensou que a religião acabaria com o avanço da ciência e da técnica, mas o que se observa, em contrapartida, são novos crescentes fenômenos religiosos, vinculados às perspectivas anteriores ou não, face ao quadro humanitário complexo que se apresenta, desafiando não somente às ciências humanas, mas também as religiões consideradas mais tradicionais e mais antigas.

Associado à Hermenêutica, tais fenômenos anteriores podem ser revisitados em seus contextos específicos, e lançar luz ao viés contemporâneo, o que este artigo buscou apontar, revisando o avanço da pesquisa das Sagradas Escrituras nas últimas décadas, e a aplicação da Hermenêutica em tais textos, possibilitando uma reflexão geral dos respectivos contextos, sentidos etimológicos alcançados pela exegese² e afins, contidos nestes escritos. Sendo uma

¹ Substantivo feminino de etimologia grega que designa o conjunto dos textos e/ou “os livros” considerados sagrados em parte por judeus e em sua totalidade pelos cristãos, consecutivamente Antigo e Novo Testamento, originalmente escritos em hebraico, aramaico e grego.

² Ciência que visa interpretar com minúcia textos e palavras.

pesquisa bibliográfica de revisão de conteúdos, reuniram-se conteúdos recentes sobre a temática, lançando luz ao olhar contemporâneo, sem hesitar em citar ciências correlatas que possam auxiliar seu esclarecimento. Nisso consistiu uma pesquisa teórica qualitativa para aplicação prática da Hermenêutica em textos religiosos.

O primeiro momento deste artigo discorrerá sobre os métodos histórico-críticos. Uma breve síntese de sua evolução será apresentada, desde os estudos pré-críticos e o seu despontar, a partir da renascença e seus consequentes desdobramentos iluministas. A objetividade dos estudos científicos das Sagradas Escrituras e o maior rigor oferecido com tais métodos, apresentaram análises diacrônicas dos textos, em que predominam, ainda hoje, muitas especulações e hipóteses, o que se esclarecerá nos pormenores.

Já o segundo momento voltou-se para outra perspectiva dos estudos literários, em alta, na comunidade científica, há algumas décadas: - os estudos sincrônicos. Contrário aos métodos elencados, no primeiro tópico, este método acolhe o texto final, sem se preocupar com a história de sua composição. O texto é respeitado como sendo de fato uma obra de arte, artisticamente composta, um monumento.

No terceiro e último momento, com um pouco mais de conteúdo que nos tópicos anteriores, evidencia-se a função da Hermenêutica e sua real utilidade nos estudos das Sagradas Escrituras. A alteridade dos textos entra em pauta, o que é cada vez mais recorrente nos círculos de estudos científicos, não apenas teológicos, mas também filosóficos e de literatura em geral.

As considerações finais apresentam os resultados obtidos que se chegou quanto a cada perspectiva e a real necessidade de os estudos contemporâneos lançarem mão ao olhar da complementaridade, para um estudo mais abrangente e que não anule quaisquer que sejam as perspectivas apontadas, sejam diacrônicas, sincrônicas e até mesmo hermenêuticas, embora existam diversas outras possibilidades nos estudos avançados das Sagradas Escrituras.

1. O método histórico-crítico:³ Os estudos diacrônicos

Para não se estender em excesso, adequando e limitando ao formato do artigo, apresenta-se deste ponto em diante uma breve análise dos estudos acadêmicos

³ Opta-se exclusivamente neste tópico pela síntese das últimas décadas apontadas por Félix Garcia López na obra intitulada O Pentateuco, 2 ed., São Paulo: Editora Ave Maria, 2014 (caps. I e II, p. 15-55).

desenvolvidos nas últimas décadas quanto ao bloco literário da Bíblia designado Pentateuco,⁴ importante tanto para os judeus, como para os cristãos, como ponto de partida para a análise da aplicabilidade da hermenêutica.

O bloco literário, em questão, encontra-se recheado de narrativas mescladas de códigos legais, com ideologia e estética inigualáveis, personagens determinados, em tempos e espaços, muitas vezes, difíceis de situarem-se traços e questões que, ainda, levarão tempo para se esgotarem, caso seja possível.

O projeto teológico apresenta um Deus que age historicamente para salvar e abençoar seu povo sendo que, no hebraico, cada livro é nomeado com a primeira palavra importante contida em seu texto. Assim: (1. *Beresit* – no princípio; 2. *Semot* – nomes; 3. *Wayyiqra* – e chamou; 4. *Bemidbar* – no deserto; e 5. *Debarim* – palavras.), e na tradução grega o sentido do conteúdo do livro é que designa seu nome: (1. *Genesis* – origem (do mundo, humanidade, Israel); 2. *Êxodo* – saída (da escravidão no Egito); 3. *Leuitikon* – Levítico (leis levítico-sacerdotais); 4. *Aritmoi* – números (por recenseamentos contidos no livro); e 5. *Deuteronomion* – segunda lei (nova lei dada em Moab para complementar a do Sinai).

O período que precedeu os estudos histórico-críticos é chamado de pré-crítico, e basicamente utilizou uma exegese a-histórica versando, com maior ênfase, sobre as ideias teológicas, sem grandes discussões que aprofundem elementos textuais. Os estudos histórico-críticos preocupam-se fundamentalmente com o processo de formação dos textos, o que os designam diacrônicos. Sobre a influência do iluminismo, os estudiosos começaram a aplicar nas Sagradas Escrituras as técnicas empírico-rationais que, outrora, serviram em análises mais objetivas de outros escritos. O elemento inspiratório de tais escrituras é posto à parte, para serem analisados como registros do passado.

As primeiras etapas destes estudos foram respectivamente a crítica literária e a da forma que questionavam a autoria dos textos, defendidas, muitas vezes, pela tradição religiosa como única e atribuindo-a a Moisés. A crítica literária buscou separar os acréscimos que o texto original recebeu, levando a resultados diferentes. Já no Renascimento, com suas novas correntes, surgem os primeiros rudimentos e questionamentos de autoria; ali, a influência de

⁴ Nomes comumente empregados para designar os cinco primeiros livros da Bíblia: *Torá* e *Pentateuco*. Sendo o primeiro substantivo hebraico que significa basicamente “instrução”, embora tenham inúmeros outros significados, como o da tradução da versão grega dos LXX, que a designa simplesmente como “Lei” (*nómus*), e ainda a palavra grega *pentateujos* (*penta*: cinco e *teujos*: estojo que contém os livros / rolos). (LÓPEZ, 2014, p. 15).

Esdras em tais escritos já é questionada por Alfonso de Madrigal (O Tostado) (1410-1455), questão que se definirá melhor no século seguinte. Simon (1638-1712) inaugura mais tarde a crítica moderna, observando as duplicações, estilos que se alternam e uma série de minúcias que levaram a estudos mais críticos.

Surgem, assim conseqüentemente e gradativamente inúmeras hipóteses, como a documentária, ou seja, documentos reunidos, agrupados e compilados por grupos específicos, a hipótese dos fragmentos, complementos e datação. Como muitos estudos caracterizam-se hipoteticamente, nestas perspectivas, justificam-se as necessárias análises de complementaridade, pois os estudos sincrônicos e a utilização da Hermenêutica, como se expõe adiante, serão de grande utilidade para abranger os horizontes do mundo bíblico e a interpretação de tais escritos.

A crítica da forma, por sua vez, pede para não confundir a forma do texto com seu gênero. Entende-se a forma como individual e concreta, como texto particular, ao compreender que o gênero é abstrato e fruto teórico da ciência, além de discorrer sobre a tradição, analisando a pré-história dos textos. Seus principais expoentes nos estudos do Pentateuco são (Gunkel, von Rad e Noth).

Nas últimas décadas, os estudos histórico-críticos sofreram revisões, principalmente a teoria documentária e suas variantes como as hipóteses fragmentária e complementária. Os supostos grupos que teriam redigido os textos que, possivelmente, foram reunidos ou “costurados” e que se mesclam nas teorias, seriam, com suas respectivas siglas, o Javista (J), o Eloísta (E), Deuteronomista (D) e o Sacerdotal (P). As teorias que se seguiram variaram pouco ou ao extremo, questionando datações, extensões, natureza, e chegando até mesmo a sua negação. Embora contenham certas novidades, assemelham-se em grande parte com os modelos e estudos de outrora.

2. Outras questões literárias: Os estudos sincrônicos

Mesmo que os estudos histórico-críticos versem em questões literárias com grande frequência, por vezes, novas descobertas arqueológicas e outros pormenores levam a novas hipóteses considerando principalmente a história dos textos como vimos anteriormente, o que não pode ser confundido com os estudos também literários, mas de perspectiva sincrônica. A preocupação nos estudos das fontes, nos métodos já mencionados, está principalmente pautada nas repetições e duplicações encontradas nos textos, as variações do

nome divino e de linguagem, o estilo, as contradições e sinais de compilação, além de redações de relatos paralelos.⁵ Tais elementos, para os sucessivos métodos, são meramente recursos para surtir determinados efeitos morais ou estéticos em tais textos.⁶

A distinção dos métodos que seguem se dá justamente porque são estudos designados a-históricos e sincrônicos, acolhendo o texto final, não como um documento visando reconstruir o passado, mas como uma verdadeira obra artisticamente e esteticamente criada, um “monumento”.⁷

Há uma vasta gama de variações cheias de pormenores também nestes estudos, porém, os que mais interessam o primeiro bloco das Sagradas Escrituras em questão, geralmente são os retóricos, semióticos e narrativos.

Os estudos retóricos em geral variam entre a retórica greco-latina e a de cunho semítico, sendo a primeira de tipo mais clássico e a segunda mais preocupada com a composição em sua natureza semítica.⁸ A crítica da retórica em si procura compreender os discursos persuasivos, uma arte que questiona como estes discursos conseguem fazê-lo. Aqui já se percebe mesmo que em outros termos uma sutileza fenomenológica e até mesmo hermenêutica, pois a retórica reconhece que tais efeitos serão de maneiras divergentes de acordo com o público e circunstâncias, o que é muito interessante, possuindo claro compartilhamento com a crítica da forma, que se ocupa também com o ambiente, ou melhor, contexto em que tais escritos se desenvolveram. Um exemplo claro seria o fenômeno literário designado apocalíptico, que surge em contexto bem pontuado, onde já não se viam ou ouviam profetas denunciando as injustiças, num contexto de perigo sempre posto e iminente, o que levou a codificar as mensagens aos seus reais destinatários, até mesmo lançando uso de elementos fantásticos.

Nasceu, entretanto, da exegese bíblica o que chamamos de análise retórico-bíblica, sendo a principal diferença da greco-latina, para este tipo de retórica, que “o grego demonstra, e o

⁵ CAMPBELL; O'BRIEN. *Sources of the Pentateuch. Texts, Introductions, Annotations*. Muneápolis, 1993, p. 6.

⁶ NAHKOLA, A. *Double Narratives in the Old Testament. The Foundations of Method in Biblical Criticism*. Berlin, 2001.

⁷ LÓPEZ, F. G. *O Pentateuco*, São Paulo: Editora Ave Maria, 2014, p. 46.

⁸ MEYNET, R. *Lire la Bible. Un exposé pour comprendre. Un essai pour réfléchir*. Paris, 1996, p. 69.

judeu mostra”,⁹ e vem permitindo gradativamente uma visão de conjunto dos textos, identificando as seções, seus paralelismos e estruturas concêntricas.¹⁰

Já o estudo de tipo narrativo como o próprio nome sugere, se concentra nas narrações dos textos, valendo ressaltar que as mesclas entre conjuntos de leis e narrativas, com ou sem discursos diretos é ímpar no Pentateuco, algo incomum e muito interessante, já que não se trata de algo convencional aos leitores contemporâneos. Analisa as narrativas como peças literárias, não se interessando em relação às mesmas como documentos históricos. Versando na opinião dos especialistas nas mais variadas formas, como “nova crítica literária”, “subespécie de nova crítica retórica” e até mesmo como “movimento paralelo e independente”, este método vem ampliando sua gama de adeptos, se tornando um dos mais populares nos estudos dos textos bíblicos.

Como em toda boa narrativa, interessa-se pelo narrador e narratário (especialmente aquele que está envolvido com o mundo e valores em questão), o que difere de um leitor contemporâneo, separando autor e leitor implícitos, possíveis de se identificar nos textos, daqueles reais que são em suma impossíveis de se conhecer.¹¹

Enfim, os estudos de tipo semiótico, que estudam “os sistemas de significação nos níveis narrativo, discursivo e lógico-semântico”,¹² levando maior ênfase às pesquisas de estruturas que envolvem a “gramática do relato”, analisando suas categorias lógicas e essenciais de funcionamento. Além de analisar palavras e frases, procura encontrar o significado global do texto, porém, sua perspectiva esotérica e complicada faz com que sejam poucos os que se aventuram nesta selva de significados e significantes, o que se constitui um verdadeiro obstáculo ao método.¹³

Evidencia-se, contudo, que as Sagradas Escrituras agregam diversas abordagens na tentativa de serem explicadas de forma mais objetiva, não obstante existam também

⁹ MEYNET, R. *Lire la Bible. Un exposé pour comprendre. Un essai pour réfléchir*. Paris, 1996, p. 80.

¹⁰ A cada seção dos estudos sincrônicos, de maneira célebre e muito sucinta Félix Garcia López (2014) elenca as principais obras contemporâneas de seus principais expoentes, uma verdadeira bússola para os pesquisadores que estão dando seus primeiros passos nos estudos mais avançados.

¹¹ Ver a obra MARGUERAT, D; BOURQUIN, Y. *Para ler as narrativas bíblicas: Inicialização à análise narrativa*. São Paulo: Edições Loyola, 2009; para compreensão dos pormenores envolvidos em tais estudos e pesquisas.

¹² LÓPEZ, F. G. *O Pentateuco*, São Paulo: Editora Ave Maria, 2014, p. 51.

¹³ Ver obra de GIRARD, M. *Os símbolos na Bíblia*. São Paulo: Paulus, 2ed., 2015, obra monumental que sistematiza duas décadas de pesquisa sobre os símbolos, que mesmo contrapostos aos signos em determinadas perspectivas, elucidam muitas questões tanto para filósofos, historiadores das religiões, antropólogos, psicanalistas, linguistas, críticos de arte e teólogos, cada qual com seu ferramental metodológico.

perspectivas subjetivas, vinculadas não raramente por um concordismo pautado no arquétipo apresentado nos textos, algo típico nos fundamentalismos e anacronismos irresponsáveis de seu estudo. Um exemplo claro quanto ao arquétipo é quando algum evento relatado em determinado texto possui semelhança a alguma questão contemporânea, pensa-se logo, sem questionar, que Deus está se comunicando com os interessados, reduzindo as equivalências originais de Israel e até mesmo das primeiras comunidades cristãs.

Portanto, antes de tratarmos as questões hermenêuticas, evidencia-se a necessária análise de complementaridade nas questões diacrônicas e sincrônicas expostas, pois cada qual, com suas particularidades, e como lentes dispostas nas mais diversas direções, apontam singularidades ímpares, deste “lance polêmico” por vezes, que chamamos neste estudo de Sagradas Escrituras.

3. A hermenêutica: Sua aplicabilidade multifacetada

Segundo Palmer,¹⁴ a “hermenêutica é uma palavra que cada vez mais se houve nos círculos teológicos, filosóficos e mesmo literários”, e ainda que a “Nova Hermenêutica emergiu como um movimento dominante na teologia protestante europeia” (ibdem) leva-se em conta também a defesa de Heidegger quanto a Filosofia,¹⁵ que é, ou deveria ser Hermenêutica.

Luíz H. Dreher (2011, p. 34),¹⁶ sintetiza claramente o exposto:

Tanto a teologia, naquilo que teve e tem de melhor, como a comparativamente mais recente tradição hermenêutica na filosofia e na teoria literária, nunca estiveram de todo desligadas das demais ciências ou estudos que também conformam juízos e valorações sobre os fenômenos religiosos em suas várias expressões concretas, sejam elas linguísticas, textuais ou fenomênicas.

Ricoeur discorre dentre outros pontos, sobre o fenômeno religioso e sua interpretação correta, explicando que neste caso, não existe e não pode ser analisado de forma universal e

¹⁴ PALMER, R. E. *Hermenêutica*. Lisboa-Portugal: Edições 70, 1969, p. 15.

¹⁵ Há de se levar em conta inúmeras pesquisas recentes que visam analisar em perspectiva de diálogo questões de cunho teológico e filosófico, algo muito presente em um dos principais expoentes da temática em questão: Paul Ricoeur.

¹⁶ PAULA, A. C.; SPERBER, S. F. (Orgs.). *Teoria Literária e Hermenêutica Ricoeuriana: Um diálogo possível*. Dourados: UFGD, 2011, p. 34.

indivisível, pois de acordo com a religião objeto de estudo, dever-se-á proceder com a investigação e aplicação hermenêutica de forma específica e adequada.

O processo de evolução da hermenêutica é longo, mas possível limitar aos estudos bíblicos. Aristóteles foi o primeiro a utilizar o conceito criado por ele, designado hermenêutica, em seu livro intitulado *Periérmeneias*, que na tradição latina escolástica, foi concebido como *De interpretatione*, e por vezes *De Enuntiatone*. Alusivo à mitologia grega, especificamente ao deus Hêrmes, que dentre outras atribuições, é considerado o protetor dos profissionais da linguagem, como por exemplo, os oradores, habilidosos na sagacidade e capacidade de argumentar, sendo um arquétipo de movimento e mudança, capaz de alterar a natureza transformando-a em cultura.

Os gregos atribuem a Hermes a descoberta da linguagem e da escrita. A ciência da interpretação neste sentido leva a compreender que a linguagem é o que torna os homens humanizados, e que a mesma em seu intenso e ininterrupto progredir, conseqüentemente tem seu sentido alterado, sendo necessário por conseqüência o revisitar de seu contexto.

Em sua busca existencial, sobre a verdade do ser, Martin Heidegger faz uso da hermenêutica apontando para a linguagem, mesmo sendo limitada, e que para ele seria a casa do ser. É inegável que nos escritos considerados sagrados tanto para judeus como para cristãos, há profunda reflexão existencial de um Deus que se revela como ser relacional, o “Eu Sou”, (raiz do tetragrama) e muitos já discorreram e fizeram uso da hermenêutica, inclusive para mostrar e justificar a história, como Henri-Irénée Marrou, por exemplo, que buscou resgatar a visão cristã da história.

Hans Georg Gadamer (ibidem, p. 318), fala dos preconceitos, da substituição dos pré-juízos por outros melhores, da alteridade do texto, além do círculo hermenêutico que sempre leva a novas descobertas nos próprios textos a partir dos efeitos gerados por sua autonomia, pois a vida própria do texto independe de seu autor e verdadeiras intenções.

E finalizando, Paul Ricoeur (idem, p. 319), ao discorrer sobre os textos da Sagrada Escritura, evidencia que o elemento fé se faz necessário, pois nenhum método hermenêutico seria capaz de interpretá-la sem este recurso, além de que a alteridade do texto deveria sempre orientar a exegese bíblica.

São incontáveis os artigos já publicados sobre estes autores e seus escritos, e certamente um campo ainda muito fértil para uma nova reflexão, e o futuro trabalho

discorrerá em torno de apurada e criteriosa seleção de referências de qualidade, para uma possível nova perspectiva.

Considerações finais

Para exemplificar e dar dinamismo ao exposto, são sugestivos os conceitos de ser-com-outras (europeu) e de alteridade (latinizado), pois, complementam-se mutuamente, e pouco ou nada importa a origem de um conceito filosófico, em qual cultura, continente ou país foi idealizado, se as suas peculiaridades históricas e contextos não forem respeitados. Não raramente ocorrem excessivos equívocos, más interpretações ou ainda instrumentalizações de termos em favor de determinados grupos e interesses. A crise humanitária, ética, política, econômica e os desdobramentos que o mundo contemporâneo vem atravessando, certamente urge o revisitar destes diversos conceitos que apontam para relações mais éticas e satisfatórias de maneira geral.

Somos seres relacionais, sociais, e estes conceitos favorecem a análise de complementaridade a todo o exposto. Assim como as ciências e hermenêutica discutidas neste artigo se complementam, deveríamos respeitar e aplicar tais textos e contextos enquanto humanidade, aplicando a alteridade, o reconhecimento mútuo, e a busca do diálogo responsável.

Há um vazio existencial muito grande nas relações humanas, o que favorece novos extremismos, fundamentalismos, integrismos, intransigências, xenofobias, em movimentos políticos, religiosos, reacionários etc. Surgem a cada dia novos grupos que se aproveitam e que se favorecem da situação estabelecida, abusando de pessoas menos instruídas, praticando estelionatos, corrupção exacerbada e generalizada, e tantos outros sintomas catalogados, de uma sociedade doente, que paga altíssimo preço pelo abandono de um ser autêntico. Precisamos de uma alteridade responsável, reconhecimento do caráter relacional/social, pois atitudes isoladas e mal articuladas por pequenos grupos de interesse, sistematicamente afetam milhares de vidas.

Sendo assim, a hermenêutica se faz necessária, logo, a subjetividade deve voltar a ser respeitada, o que leva ao entendimento natural de que jamais seremos iguais, somos plurais, e a história, o contexto, ou melhor, o *a priori* e o *a posteriori* que cada um traz consigo, muitas vezes definem o rumo, as características e as escolhas de cada indivíduo.

O olhar hermenêutico acionando a alteridade, a partir de tais textos e seus respectivos contextos, que influenciaram e influenciam ainda o comportamento de muitos grupos humanos, conduzirá a humanidade para uma hermenêutica responsável, e a levará naturalmente não só a uma teoria, mas também para uma práxis consistente, insistente e favorável ao bem comum, ou seja, ao ponto de partida dos direitos mais fundamentais, e que chamamos universais: a Dignidade da Pessoa Humana.

Referências

- BULFINCH, T. **O Livro de Ouro da Mitologia**: Histórias de Deuses e Heróis. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- CONGRESSO DA ANPTECRE. 5., 2015. Paraná. Anais do V Congresso da ANPTECRE – PUC/PR – Religião, Direitos Humanos e Laicidade. JÚNIOR, R. J. S. **Ensaio sobre a Semelhança, a Diferença e a Especificidade entre o Texto Literário e o Texto Religioso Segundo Paul Ricoeur**. Paraná: PUC, 2015. GT0224 p. Disponível em: <www2.pucpr.br/reol/index.php/5anptecre?dd99=pdf&dd1=15610> Acesso em: 17 jul. 2017.
- FILHO, I. G.M. **Manual Esquemático de História da Filosofia**. São Paulo: LTR, 2004.
- MONTEIRO, I. L. **História da Filosofia Contemporânea**. Curitiba: Intersaberes, 2015.
- PALMER, R. E. **Hermenêutica**. Lisboa-Portugal: Edições 70, 1969.
- PAULA, A. C; SPERBER, S. F. (Orgs.). **Teoria Literária e Hermenêutica Ricoeuriana: Um diálogo possível**. Dourados: UFGD, 2011.
- PRATES, A. E; PIMENTEL, C. S. **Hermenêutica dos Textos Sagrados**. Montes Claros: Editora Unimontes, 2015.
- CAMPBELL; O'BRIEN. **Sources of the Pentateuch**. Texts, Introductions, Annotations. Muneápolis, 1993.
- NAHKOLA, A. **Double Narratives in the Old Testament**. The Foundations of Method in Biblical Criticism. Berlin, 2001.
- LÓPEZ, F. G. **O Pentateuco**. São Paulo: Editora Ave Maria, 2014.
- MEYNET, R. **Lire la Bible**. Un exposé pour comprendre. Un essai pour réfléchir. Paris, 1996.
- GIRARD, M. **Os símbolos na Bíblia**. São Paulo: Paulus, 2ed., 2015.
- MARGUERAT, D; BOURQUIN, Y. **Para ler as narrativas bíblicas**: Inicialização à análise narrativa. São Paulo: Edições Loyola, 2009